

Ferramenta: Survey on Students' School Spaces (S3S)

Contextos de utilização

A ferramenta S3S foi utilizada em três escolas – duas escolas em Portugal (Escola Eugénio de Castro e Escola Rainha Santa Isabel) e uma escola no Reino Unido (Escola Secundária de Ponteland). Partindo já de uma diversidade inicial em contextos geográficos e faixa etária, estas escolas são particularmente diferentes nas suas condições de construção e fases de conceção.

As escolas portuguesas estão ambas localizadas no centro do país, em Coimbra, e são ambas escolas básicas com alunos do 5º ao 9º ano (com idades compreendidas entre os 10 e os 15 anos). No entanto, variam claramente na sua localização - enquanto a Escola Eugénio de Castro está localizada no centro da cidade, num sector predominantemente habitado pelas classes sociais média e alta; a Escola Rainha Santa Isabel situa-se numa zona periurbana, social e economicamente desfavorecida, abrangendo uma vasta área rural a norte do concelho.

Assumi-se que, comparando a utilização da mesma ferramenta em dois contextos sociais e económicos distintos, isto trataria uma conclusão mais eficaz sobre a sua validade e uma comparação mais clara entre as expectativas dos alunos e as necessidades espaciais de cada escola.

Isto também difere da Escola Secundária de Ponteland, localizada numa zona semirrural em Northumberland, Reino Unido, fora do centro da cidade e com estudantes dos 11 aos 18 anos (7º-13º - níveis ingleses de escolaridade).

Apesar de todas estas escolas terem usado a S3S como ferramenta de avaliação pós-ocupação para aferir o edifício existente e refletir sobre possíveis intervenções espaciais, as diferenças mais marcantes entre as três escolas são a sua condição, data e tipo de construção. Globalmente, a utilização do S3S nestas três escolas permitiu à equipa de investigação analisar se a ferramenta é suficientemente flexível para identificar as necessidades espaciais num vasto leque de tipos e condições de edificação, e se é fácil de utilizar e acessível a alunos de várias faixas etárias e contextos sociais.



Escolas datadas dos anos de 1970 (em cima à esquerda), de 1999 (canto inferior esquerdo) e de 2020 (abaixo): apesar das suas configurações muito diferentes, todas estavam interessadas em conhecer a visão dos alunos sobre os seus espaços.



Fundamentação para atividades e ferramentas adotadas

A ferramenta S3S tem como objetivo reunir o feedback dos alunos sobre um vasto leque de espaços escolares e permitir uma abordagem inclusiva ao projeto para a cocriação ou co-reabilitação dos ambientes educativos. Para tal, questiona os alunos sobre os seus usos e formas de apropriação dos seus espaços escolares e os seus sentimentos nos mesmos.

Esta ferramenta tem uma abordagem bipartida: em primeiro lugar, utiliza um inquérito online que pode questionar todos os alunos da escola de uma forma muito ampla; e, em seguida, recorre a grupos de focais mais pequenos que detalham e justificam os dados anteriores. Isto fornece informações gerais sobre cada um dos espaços a partir do inquérito e, em seguida, foca-se nas especificidades e potenciais mudanças de cada um.

Além disso, o facto de a primeira fase utilizar uma plataforma digital supera a dificuldade de entrar na escola e descarta a necessidade de um contacto presencial com cada aluno ou turma. Isto é triangulado com os grupos de debate no local, que são menos demorados ou disruptivos para as atividades diárias globais da escola, porque são compostos por uma amostra menor de alunos.

Globalmente, a aplicação do S3S nestas escolas foi decidida por dirigentes escolares motivados, que procuraram ouvir as vozes dos alunos e fazer o melhor para as suas escolas, reconhecendo que melhorar o espaço escolar é um meio para alcançar a motivação e o sucesso dos alunos.



Esta escola está implantada numa área pavimentada e está carenciada de espaços confortáveis para os alunos, tanto interiores como exteriores.



Natureza de ambientes iniciais

A Escola Eugénio de Castro é o edifício mais antigo destes três casos de estudo e aquele com necessidades mais prementes para uma intervenção espacial. Data da década de 1970 e apresenta uma configuração pavilhonar, que é muito frequente nas escolas daquele período que foram construídas em Portugal, descurando especificidades locais e geográficas. Apesar de várias destas escolas terem sido naturalmente remodeladas entretanto, e não obstante as alterações específicas que esta escola em particular tem levado a cabo, falta-lhe ainda uma proposta de projeto para uma intervenção em larga escala, que lhe permita responder às necessidades educativas contemporâneas a nível de conforto, materialidade, funcionalidade e práticas pedagógicas.

A Escola Rainha Santa Isabel data de 1999 e é composta por três blocos paralelos com dois pisos cada um e um outro edifício para a cantina, todos implantados num pavimento extensivo em alcatrão. Atualmente conta com cerca de 500 alunos, o que é relativamente metade dos alunos da Escola Eugénio de Castro. Embora não sofra de grandes dificuldades funcionais ou materiais, devido à sua configuração espacial o seu problema mais evidente é a falta de espaços comuns interiores, mas especialmente exteriores, que sejam confortáveis e aprazíveis para os alunos.

A Escola Secundária de Ponteland é, em grande parte, diferente das escolas anteriormente mencionadas. Abriu em 2020; possui outras instalações no local, tais como piscina, pavilhão desportivo, café e biblioteca; e tem 1600 alunos. Aqui, o uso da S3S destinou-se a congregar o feedback dos alunos sobre os diferentes espaços escolares com vista a uma melhoria contínua da escola, a sua adequação e o conforto proporcionados pelos seus espaços.

O que aconteceu?

Esta ferramenta tem duas fases, que as três escolas implementaram. A primeira fase consiste num questionário online e é acompanhada por um tutorial que explica exaustivamente a tarefa em questão. Isto pode ser feito por um professor, um líder da escola, ou uma equipa.

Em Ponteland, o Professor-Chefe Adjunto / Deputy Head Teacher trabalhou com a equipa da Universidade de Newcastle numa abordagem partilhada entre os investigadores e a escola.

Em Portugal, cada escola organizou uma equipa composta pelo Diretor da Escola e um professor nomeado que liderou o processo. Em particular na Escola Eugénio de Castro, a equipa foi também englobada pelos Diretores de Turma de cada uma das turmas participantes.

Nesta fase, a equipa portuguesa de investigadores do projeto decidiu desenvolver um tutorial sobre as tarefas necessárias para cada etapa, de forma a garantir que a ferramenta fosse fácil de implementar pela escola, e não pelos investigadores. No entanto, a equipa da Universidade de Coimbra acompanhou também todos os desenvolvimentos nas duas escolas, com vista à facilitação do processo em geral. Isto revelou-se mutuamente benéfico para todos, uma vez que as tarefas da escola foram apoiadas pelos investigadores, e os investigadores ajudaram as escolas e ajustaram o desenvolvimento sequencial das tarefas, para melhorar e validar a ferramenta.

O questionário online da fase 1, permite avaliar uma vasta gama de espaços escolares e é dividido, por defeito, nos seguintes 5 tipos:

- Espaços exteriores
- Espaços de aprendizagem formal
- Espaços de estudo
- Espaços de alimentação
- Espaços de convívio e circulação



No entanto, cabe a cada escola escolher os espaços para fotografar e analisar no inquérito. As escolas portuguesas escolheram, respetivamente: a área exterior perto das suas entradas, uma sala de aula regular, a biblioteca, o bar e a sala de convívio dos alunos.

A escola de Ponteland escolheu as seguintes áreas: instalações para refeições, espaços sociais ao ar livre, ambientes de sala de aula, salas de ensino especializadas (laboratórios de tecnologia e ciências), espaços sociais interiores e espaços de recursos de aprendizagem mais amplos (biblioteca).

Em Portugal, cada escola escolheu duas turmas: uma de alunos mais velhos que frequentavam a escola por mais tempo, e uma de alunos mais novos, respetivamente dos 7º e 9º ano. Em Ponteland o inquérito foi concluído por 674 alunos dos anos 7º ao 10º.

Logo a partir deste momento foi possível concluir que o questionário é de grande alcance e permite, tanto uma amostra menor, como que todas as turmas sejam envolvidas neste processo participativo. Além disso, não é restritivo aos espaços listados por defeito, é ajustável, fazendo para isso simplesmente uma cópia do modelo existente, e desenvolvendo uma versão específica para cada escola. Isto permite que cada escola o modifique de acordo com as suas necessidades e espaços específicos, e também de acordo com os seus objetivos na utilização desta ferramenta. Por exemplo: uma escola pode querer que o inquérito abranja a escola em geral com todos os seus diferentes espaços, pode preferir focar-se num espaço específico, ou pode querer mudar um tipo de espaço que está listado por outro espaço mais relevante para aquela escola.



Como recorre a um formulário do Google, este permite muito facilmente exportar os dados para tabelas e gráficos que sistematizem toda a informação recolhida e que possam funcionar como base para a fase 2. Nesta fase é selecionada uma pequena amostra de alunos para participar nos grupos focais / de debate.

Em Portugal, cada uma das turmas participantes organizou um grupo focal / de debate, cujos participantes foram escolhidos pelo seu Professor Diretor de Turma. Estes professores também lideraram os grupos de debate, assumindo que conhecem melhor estes alunos e poderiam promover uma discussão aberta com eles sobre os espaços visitados ao longo destas caminhadas.

Em Ponteland foram os alunos que lideraram os grupos focais, o que se afirmou como uma abordagem inovadora para esta fase e que se revelou muito positiva, uma vez que os alunos puderam envolver-se diretamente com os seus pares e acima de tudo, desenvolver competências muito significativas (análise de dados, organização de grupos de debate, escrita de relatórios, apresentação de informação) que serão relevantes para os seus futuros percursos académicos e profissionais.



Resultados?

Como se pode constatar, o questionário online exhibe o feedback dos alunos sobre cada um dos espaços analisados, sobre os seus sentimentos e usos, mas também a sua opinião acerca da dimensão, do conforto, da luz, do equipamento/ mobiliário e da localização de cada espaço. Isto está intencionalmente focado para a arquitetura e pode ser a base para futuras intervenções nestas escolas. Seguidamente, os grupos de focais / de debate permitem identificar as razões destas conclusões e detalhar as necessidades relatadas.

Apesar de ambas as escolas portuguesas terem localizações, configurações e idades distintas, os comentários mais proeminentes de todos os alunos relataram a necessidade de renovar os espaços exteriores, que são amplamente utilizados por eles, e que poderiam ser melhorados na sua materialidade, conformação e mobiliário. Os alunos afirmaram transversalmente que gostariam de ter espaços dedicados à prática de desporto nas suas pausas, ter espaços para estudar e comer ao ar livre, e ter mais espaços verdes para se abrigarem do calor muitas vezes sentido em Portugal.

Outro espaço que foi muito mencionado em ambas as escolas foi a sala de convívio dos alunos, que necessita de intervenções espaciais prementes, nomeadamente, para aumentar o seu conforto com mesas e cadeiras adequadas, e outros móveis e equipamentos específicos que permitam atividades de lazer como: trabalhos manuais, conversas informais e jogos de tabuleiro.

Os alunos também concordaram que a biblioteca é um dos espaços mais confortáveis e mais bem equipados em ambas as escolas, e um espaço não só para atividades formais de estudo, mas também para jogar jogos pedagógicos, para estudar com os pares e para ler casualmente.

Concordaram também que a cantina e, em particular, ambos os bares beneficiariam de uma dimensão mais alargada. Ambas as escolas também carecem de manutenção e de melhores equipamentos e mobiliário em geral. Mas como a Escola Eugénio de Castro é uma escola mais antiga, os alunos queixaram-se muito das salas de aula que precisam de muita atenção a nível do seu conforto, equipamentos, condições de iluminação e dispositivos tecnológicos.

Ao contrário destas circunstâncias, a Escola Secundária de Ponteland, por ser muito recente, identificou outras fragilidades, frequentemente relacionadas com a configuração espacial e a morfologia global do edifício. Isto está relacionado com a falta de conforto que os alunos sentem em espaços maiores e abertos, como a biblioteca e as áreas de alimentação. Os espaços exteriores também foram listados como espaços que precisam de intervenções para acolher os alunos no inverno. O Professor-Chefe Adjunto / *Deputy Head Teacher* da escola Ponteland também saudou os resultados da implementação da ferramenta e considerou alterações espaciais no que diz respeito: às linhas de visão nos laboratórios de ciência/tecnologia, à possibilidade de disponibilizar espaços exteriores protegidos e de uma nova área de serviço ao ar livre.

Neste momento, a Câmara Municipal de Coimbra aceitou em geral os resultados da ferramenta S3S na Escola Rainha Santa Isabel e está a ponderar o seu desenvolvimento por fases. A Escola Eugénio de Castro terá de ser alvo de uma profunda intervenção de remodelação. Como este programa de reabilitação terá de ser realizado por etapas, a utilização da S3S permitiu identificar as necessidades mais prementes da escola e discutir com os alunos as potenciais intervenções imediatas. No futuro, os resultados veiculados por esta ferramenta e o feedback dos alunos permitirão informar e monitorizar as várias fases dessa intervenção.

Conclusões

Quem deve usar esta ferramenta e quando?

A ferramenta S3S tem como objetivo permitir que os alunos reflitam sobre o seu espaço escolar e capacitá-los para participarem no processo de co-criação ou co-reabilitação. Ao utilizarem a ferramenta, os alunos são capazes de expressar a forma como se relacionam com os seus ambientes de aprendizagem, quais são os seus sentimentos em cada um, quais são os seus usos e o seu feedback geral sobre as condições espaciais como: a luz, a dimensão, a localização e o conforto. Isto funciona como um contributo significativo para uma abordagem de projeto participada, desenvolvida com a comunidade escolar e com todas as partes interessadas, a fim de responder mais plenamente às suas necessidades espaciais e aumentar o sentido de pertença e apropriação da sua escola.

De uma forma geral, o processo foi conduzido de forma diferente nas três escolas, o que ajudou a testar e validar a ferramenta. Conclui-se que a ferramenta é fácil de utilizar, pode ser ajustada às necessidades de cada escola, e também pode ser implementada com uma amostra pequena ou maior de participantes.

Em Ponteland, à medida que os alunos conduziam os grupos de debate, o seu papel era cada vez de maior envolvimento na escola. Uma vez que isto também treina as competências dos alunos em matéria de comunicação, debate e análise crítica, sugere-se que estas tarefas possam ser consideradas como atividades curriculares para os envolvidos e com tempo dedicado nos seus horários. Isto beneficiaria a motivação e o envolvimento dos alunos, e reforçaria também a relevância destas atividades escolares participativas para os alunos.

O estudo-piloto em Portugal também nos ensinou a relevância de planejar uma Assembleia de Escola como sendo a última fase deste processo. Nesta sessão, que foi organizada em ambas as escolas, os resultados da ferramenta são exibidos e discutidos coletivamente, e toda a comunidade escolar – estudantes, professores e partes interessadas em geral – pode potencialmente concordar sobre as intervenções espaciais mais prementes. Assim, a descrição da ferramenta deve sublinhar a necessidade de um momento / sessão final no qual se apresentam e discutem os resultados com a comunidade escolar em geral e se analisam com os alunos as possibilidades de remodelação, numa abordagem participativa ao projeto.

Esta Assembleia também pode ser considerada uma oportunidade inclusiva para reunir toda a comunidade, para facilitar a exploração de ideias e a co-criação para um objetivo comum, e para responsabilizar todas as partes interessadas pela tomada de decisão sobre o espaço partilhado por todos.